

## O CAPITÃO CORAM

Ha para mim não sei que indizível atractivo na gloria modesta d'esses bemfeitores da humanidade, que passaram no mundo sem que a historia official se dignasse registrar-lhes o nome no seu livro de ouro. Sinto um doce prazer em me debruçar sobre essas campas quasi de todo olvidadas, e em fazer surgir á luz do futuro os vultos d'esses obscuros obrei-

ros da civilisação, cujo nome até se foi rapidamente obliterando da memoria das gerações. Diz-se que a hora da justiça sôa ao mesmo tempo que a hora do passamento; nem sempre. As vezes a posteridade é tão injusta como os contemporaneos. A posteridade deixa-se deslumbrar pelo clarão devorador dos grandes meteoros da historia, e despreza a luz serena e modesta das estrellas, que brilharam n'um canto do céu azul, e cujos raios



O Capitão Coram.

tranquillos e vivificantes choveram consolações e allivios sobre os tristes d'este mundo.

Folheiem os dictionarios biographicos, e encontrarão alli registrados os nomes dos mais obscuros generaes divisionarios de Napoleão, dos mais insignificantes chefes das esquadras inglezas, do mais insulso romancista, do dramaturgo mais espalmado, do poeta mais prosaico. E no meio d'essa pleiade de eleitos da celebridade, de aristocratas da gloria, os quaes muitas vezes difficilmente apresentam documentos, que lhe justifiquem o fóro de nobreza, não encontrarão o nome do homem, cujo retrato apresentamos hoje aos nossos leitores, do homem que foi um dos mais tenazes,

um dos mais zelosos applicadores da doutrina da caridade, do homem que toda a sua vida consagrou ao allivio das miserias dos seus semelhantes!

Thomaz Coram, capitão de navios na marinha mercante ingleza, nasceu em Londres no anno de 1668. A sua vida resume-se n'uma breve pagina, mas que immortal não devia ser essa pagina de gloria que não humedecem outras lagrimas que não sejam as lagrimas de gratidão dos infelizes, de quem elle foi o amparo constante! Nunca desempenhou cargos importantes, nunca representou um grande papel na historia do seu paiz. Viveu para fazer bem, e só para fazer bem sem que os

seus actos de caridade lhe servissem de degrau á ambição. Os seus rendimentos, ou herdados ou grangeados na vida commercial, despendeu-os até á ultima mealha para allivio dos pobres. Essa abnegação extraordinaria, porque o capitão Coram nunca foi nem sequer empregado pelo governo como dispensador da beneficencia publica, nem teve uma só das honras que em geral as nações reconhecidas votam aos homens, que se consagram á improba tarefa, em que Thomaz Coram consumia a sua existencia e os seus haveres, essa abnegação extraordinaria é principalmente assombrosa n'um marinheiro rude, educado antes para affrontar as tempestades, do que para enxugar as lagrimas, n'um homem cuja educação religiosa se limitava á leitura assidua da sua Biblia, n'um homem, enfim, a quem o seu ministerio não impunha, nem sequer moralmente, os deveres que o sacerdocio impõe aos ministros de Deus, deveres que elle a impulso do seu coração desempenhava com jubilo, ao passo que os que tem estricta obrigação de os cumprir só desempenham essa obrigação tanto quanto baste para não produzirem escandalo.

No tempo em que vivia este benemerito de Deus ainda não havia em Londres a instituição que Portugal se ufana de ter possuido primeiro que todas as outras nações europeas, que a Hespanha deve ao zelo religioso da sua rainha Isabel a Catholica, que em França teve origem graças á poderosa iniciativa de S. Vicente de Paula, um hospicio dos expostos. Debate-se hoje muito a questão se estas instituições caridosas são uteis ou não á moralidade social. Diz-se que muitas vezes mais protegem o vicio do que alliviam a miseria, que antes servem para favorecer a indifferença criminosa de algumas mãis do que para alliviar as dores excruciantes d'outras, as quaes sem a roda, essa muda confidente das suas agonias e dos seus remorsos, veriam seus filhos expirando ao desamparo, ou vergando ao peso do estyigma estampado por uma sociedade hypocrita na fronte innocente do anjo, que nasceu do peccado, como do peccado tambem nasce o arrependimento. Mas o arrependimento acolhe-o um sorriso meigo de Jesus, o fructo do amor peccaminoso acolhem-n'o os desprezos dos homens, e as Magdalenas trementes não encontram pés divinos sobre que possam derramar o nardo das suas angustias, enxugando-os com as suas tranças, banhando-os com as suas lagrimas. As peccadoras tremem d'aquelles que, não receando encontrar o olhar limpido do Filho do homem, não receariam tambem apedrejal-as e insultal-as. Por isso, caminhando de noite, com o fardo precioso escondido sob o manto, vão entregar á caridade publica a criança banhada das lagrimas maternas, e abençoam em voz baixa o desconhecido santo, que prevendo as suas angustias, abriu primeiro os braços misericordiosos para receber no suave amplexo os filhos do amor e os filhos da miseria.

Pallidas peccadoras a quem o remorso persegue! mãis anciosas que tremeis de ver definharem-se-vos

nos braços ao sopro da miseria essas florinhas tenras que vos brotaram no seio, e que alimentarieis com o vosso proprio sangue, se o sangue podesse dar vida aos mimosos botões, abençoai tambem esse obscuro marinheiro, cujo retrato hoje apresentamos! O pobre Thomaz Coram, o singelo capitão de navios, foi o primeiro que fundou na opulenta Inglaterra um hospicio de expostos. Esse não discutio friamente se iria auxiliar o vicio ou favorecer a virtude, vio as crianças abandonadas no chão gelido de Londres, e levantou-as nos braços, vio as pobres avesinhas implumes a tremerem de frio n'essas manhãs brumosas de um inverno inglez a um canto das ruas silenciosas, e o marinheiro, com as lagrimas nos olhos, aquentou-as no peito; deu-lhes calor, abrigo, e vida. Depois foi ao canto da sua arca, onde estava accumulada talvez a quantia que destinava para fiar d'ella o repouso, a tranquillidade, o agasalho, o bem-estar da sua velhice, e com uma singeleza sublime, sem vãs declamações, sem ostentação alguma, arrojou a pesada bolsa aos pés de um architecto, e disse: «Erga-se um asylo para as crianças abandonadas.» E enquanto os opulentissimos proprietarios da Grã-Bretanha despendiam loucamente os seus dinheiros, uns a prepararem conspirações para o restabelecimento dos Stuarts no throno, outros a serem o escandalo do povo nas orgias, que fizeram a côrte dos primeiros reis da casa de Hannover digna rival da côrte de Luiz XV e de Philippe d'Orleans, o pobre capitão, sem auxilio de pessoa alguma, lançava os fundamentos do seu monumento caridoso, e gastava até o ultimo penny dos seus haveres, grangeados honestamente com o seu trabalho, em levar a cabo a realisação da sua tão evangelica idéa.

E não se supponha que fallamos no figurado dizendo «até ao ultimo penny». Tocante facto que vale por si só o mais pomposo panegyrico! O homem, que fôra a providencia dos pobres, o homem que erigirá o primeiro hospicio dos expostos na Inglaterra, vio-se no fim da sua vida obrigado a recorrer á caridade publica! Não lhes faz lembrar isto aquelle bispo francez da *Festa e caridade* de Thomaz Ribeiro, ácerca do qual o nosso grande poeta escreveu estes dois magnificos versos:

E quando achou vasia a sua mão tão nobre  
julgou-se mais feliz, era o primeiro pobre?

Foi necessario que o principe de Galles e alguns dos seus amigos se colitassem entre si para lhe dar uma pensão até á sua morte, que succedeu em 1751, tendo elle de idade oitenta e tres annos.

O que diria o honrado homem se resuscitasse e assistisse á discussão que no nosso seculo philanthropico se trava ácerca da utilidade dos estabelecimentos, de que elle foi um dos fundadores? Duvidaria da sua obra? Não; diria talvez, fluctuando-lhe nos labios o mesmo sorriso meigo com que acolhia as criancinhas desamparadas, diria que, perante um facto dilacerante, não se trata de discutir, trata-se de remediar, que quaesquer

que sejam as culpas das mãis, a criancinha innocente é irresponsavel por ellas, e que o logar no banquete da vida, que os seus labiosinhos imploram, não pôde a sociedade recusar-lh'o sob pretexto algum; diria mais ainda, diria que, se os legisladores legisassem de vez em quando mais com o coração do que com o espirito, o que de certo lhes não faria mal algum, comprehenderiam que as mãis que repellem seus filhos sem necessidade pungentissima e fatal são excepções monstruosas, e que as leis sociaes da mesma fórma que as leis da natureza não se curvam ante a existencia das aberrações; diria, emfim, que os homens de Estado que ousam discutir o amor maternal são uma especie d'eunucos, que, mil vezes mais infelizes do que os guardas do serralho, nem sequer comprehendem a paternidade pelo lado do sentimento moral, e que, não comprehendendo a paternidade que illumina com um raio de luz celeste a figura grotesca de Triboulet, ainda menos comprehenderão o amor de mãe que inunda de esplendor o vulto hediondo de Lucrecia Borgia.

E, depois de dizer isso, o honrado capitão Coram esvair-se-hia como uma sombra que hoje é, e voltaria ao paraíso dando o braço a S. Vicente de Paula, causando assim grande estranheza ao Summo Pontífice, que de certo não comprehenderá esta ligação tão íntima entre um santo e um protestante.

PINHEIRO CHAGAS.

A verdade é uma saude que nunca enferma, uma vida que nunca morre, uma mesinha que a todos sara, um sol que nunca se põe, uma lua que nunca se eclipsa, uma porta que a ninguem se fecha, e um caminho que a todos descança.

M. AFFONSO DE MIRANDA.

### AMOR Á PATRIA

Indubitavelmente, entre os povos antigos, os gregos e os espartanos eram os que possuíam em mais subido grão, em toda a sua nobre pureza, o amor á patria de que tanto hoje debalde se blasona. Vejam-se alguns notabilissimos exemplos que a historia nos legou.

Condemnado injustamente, por inveja dos seus concidadãos, o celebre Phocio, um dos mais famosos personagens da antiga Grecia, estava já para beber o fatal veneno, quando lhe perguntaram se desejava despedir-se de seu filho, e fazer algumas disposições. «Trazei-m'o aqui,» respondeu; e ao vel-o, lhe disse: «Querido filho! Não te recommendo outra cousa senão que sirvas sempre a tua patria com o mesmo zelo e lealdade com que eu a servi, e que olvides que o premio dos meus serviços foi uma morte injusta!»

Em Esparta, sobretudo, o amor á patria era geral.

Homens, mulheres, crianças, emfim, individuos de todas as idades e condições disputavam-se a gloria de fazerem pela patria os maiores sacrificios;

e ambos os sexos, animados do mesmo zelo, consagravam-se sem reserva á salvação, ao bem-estar e á gloria do Estado. Alguns rasgos que a historia tem conservado, darão a conhecer o genio patriótico d'aquelles famosos republicanos,

Uma mulher de Lacedemônia dizia a seu filho no momento em que o estava armando, e entregando-lhe o escudo para marchar ao combate: «Volta com elle ou sobre elle;» alludindo ao costume de trazer os mortos nos seus escudos.

Outra fazia perguntas a seu filho que acabava de chegar da guerra, e como este lhe respondesse: «Todos os meus companheiros morreram,» cheia de indignação agarrou em uma telha e arremessou-lh'a com furia e modo taes que o matou, e ao vel-o cair, disse: «Mandaram-te a ti miseravel, para nos annunciarees as suas desgraças?»

Outra ao receber a noticia de que um dos seus filhos tinha morrido gloriosamente em um combate, exclamou: «Não me causa estranheza, era meu filho.» E dizendo-se-lhe no mesmo momento que o outro havia fugido cobardemente: «Não era meu filho!» disse com viveza aquella generosa mãe.

Outra, tendo sabido que seu filho havia escapado do combate, escreveu-lhe, dizendo-lhe: «Levantou-se um murmúrio injurioso á tua honra; fal-o cessar, ou morre.»

Outra ao ouvir seu filho relatar-lhe a morte gloriosa do irmão, que tinha sido traiçoeiramente morto em quanto combatia, lhe disse: «¿Porque não o acompanhaste desgraçado?»

Outra que tinha cinco filhos no exercito, estava ouvindo contar os promenores da batalha, e dirigindo-se a um escravo que n'aquelle momento chegara, este lhe disse: «Os vossos cinco filhos morreram.» — Vil escravo, replicou a mãe, é isso que te pergunto? — «Ganhamos a victoria,» tornou o escravo; e a mãe dirigio-se immediatamente ao templo a dar graças aos deoses.

Outra, vendo, no assedio de uma cidade, seu filho primogenito cair morto a seus pés, exclamou: «Chamem seu irmão para substituí-lo.»

Quando chegaram a Lacedemônia os que deviam annunciar a perda da famosa batalha de Leuctra, estava-se celebrando na cidade uma grande festa, á qual havia acudido uma infinidade de estrangeiros, atraídos pela curiosidade. Os côros de jovens de ambos os sexos celebravam seus ritos em pleno theatro segundo as instituições de Licurgo. N'aquelle momento chegaram a Esparta os portadores da triste nova; porém não se interromperam os jogos, nem houve mudança no apparatus da festa. Unicamente se mandaram a todas as casas os nomes dos mortos que lhes pertenciam. Ao amanhecer do seguinte dia já se sabia de todos os que haviam escapado ou morrido; os pais e parentes dos que deixaram de existir iam á praça publica, abraçavam-se e saudavam-se com semblante alegre, assim como os pais e parentes dos que se tinham salvado do ferro inimigo, se occultavam em suas casas. Se algum d'elles se via obrigado a sair á rua para os seus negocios, apresentava-se com semblante, voz e olhar que bem denunciavam a

sua tristeza e abatimento; e na desgraça commum da patria, não havia goso domestico.

## A BOCCA DO INFERNNO

### VIII

*Fair defect of nature!* — diz Milton da mulher. E todavia é a esse erro formoso da natureza que nós levantamos altares! Tiraes do mundo a mulher e desaparecerão muitos desvarios, muitas contendas, e até muitos crimes, é a opinião de alguns: mas então o mundo diz um dos nossos escriptores, seria um ermo melancolico, os prazeres apenas o preludio do tedio.

Um inferno fôra elle, penso eu, sem a mulher, esse ser abençoado que tem balsamo para todas as desgraças na só meiguice de um olhar. Se aqui faz um martyr, purifica alli um coração, regenera além uma alma. Póde matar com o desprezo, mas tem o poder de resuscitar com um sorriso.

Deus que vos fez bellas, que vos concedeu a fascinação soberana do olhar e do gesto, foi porque quiz collocar no mundo quem podesse abater os fortes, exaltar os humildes, consolar os desgraçados, incitar emfim todas as virtudes e enxugar todas as lagrymas!

Sois fracas, e a vossa força é immensa, porque a tiraes do proprio desvalimento. Perguntae á sombra de Anna d'Austria (já que as exumações de S. Diniz lhe dispersaram os ossos!) perguntae-lhe se não era muito mais rainha quando Buckingham lhe sacrificava um exercito, do que quando, envolta nos arminhos da realza, se sentava no throno da França! Perguntae á sombra de Cleopatra se não se julgava muito mais soberana, dominando o coração de Cesar ou vendo quebrar-se-lhe ás plantas a espada laureada de Marco-Antonio, que quando o Egypto inteiro lhe prestava vassalagem? Diga Joanna de Napoles se não era mais despoticamente senhora quando com o olhar, que promettia um mundo de venturas, fazia do duque de Tarento um regicida?!

As vossas glorias, a vossa grandeza, toda a vossa supremacia está ahi. Na cabeça da esposa de Luiz XIII a corôa era quasi irrisão:—um cardeal torcia-a entre os seus dedos de ferro. A filha de Ptolomeu vio como o sceptro era fragil — e como lhe era mais facil dominar um coração, do que dominar um povo. A esposa de André da Hungria sabia que o reinar em Napoles, sob a influencia de uma favorita, valia bem menos que dictar despoticamente a lei nos *tribunaes d'amor!*

É que sobre vossos cabellos formosos fica melhor a corôa de rosas, perfumadas de candidos aromas, que os diademas que representam a soberania dos estados! A mulher nasceu para dominar pela blandicia dos sentimentos carinhosos, ou pela scentelha ardente das paixões. Todo o poder que não seja este deve estalar-lhe nas mãos como vidro fragil e quebradiço. Dominio pela influencia do coração, esse sim que o exerce ella, que o exercia Christina sobre Luiz.

Era curvado a essa influencia que Luiz de Mello

desprezava a sua carreira, sacrificava o seu futuro, punhade parte os affectos que o prendiam á vida aventureira do mar, e voltava a Lisboa.

No primeiro navio que de Cabo Verde saio para Portugal embarcou o mancebo com a esperanza de volver depressa á patria. Com o olhar cravado nos horisontes, anhelava ver surgir os montes das costas de Portugal—e á noite, quando a lua espargia sobre o dorso movediço das vagas os seus pallidos lampejos, contava-lhe elle confidencias e segredos, que o vento levava nas azas. A alma generosa, como é sempre a alma dos poetas e dos artistas, abria-se n'aquellas evocações ao amor e á saudade, á mulher e á patria, cantos de um poema sublime em que se resumem todos os sentimentos do homem na idade inspirada da juventude!

A. D'OLIVEIRA PIRES

(Continua)

## DA UTILIDADE DE UMA LINGUA

### UNIVERSAL (1)

É incontestavel que todos os povos caminham hoje para uma organização commum, para uma sociedade universal. A religião, a politica, a philosophia, as artes, as sciencias, a industria, o commercio conduzem igualmente a esta conclusão. Mas se tal é o futuro, o próximo futuro, talvez, da humanidade, a primeira consequencia d'este grande acontecimento deve ser o estabelecimento d'uma lingua commum, que, deixando subsistir os idiomas nacionaes, testemunho da individualidade dos povos, seja comtudo o *medium* das relações internacionaes entre os povos e entre os individuos; que sirva ao mesmo tempo para a expressão d'essas supremas verdades que são o laço commum das sociedades e por cujo titulo devem por toda parte revestir uma forma identica e universal.

## PORTSMOUTH

Já aqui n'este volume do *Panorama* demos noticia de Woolwich, o primeiro arsenal da Inglaterra; isso levou-nos naturalmente a apresentar-mos aos nossos leitores a gravura e a descripção do seu principal porto militar. Com effeito assim podemos considerar a cidade de Portsmouth.

Fica situada esta cidade no condado de Hampshire; está construida n'uma ilha paludosa, que se chama Portsea e que fica n'uma bahia do canal de S. Jorge. Divide-se em duas cidades distinctas, a de Portsmouth propriamente dita e a de Portsea, que fica para o norte, que só em 1792 recebeu essa denominação, e que hoje é muito mais consideravel, e é tres ou quatro vezes mais povoada do que a sua rival. As duas cidades reunidas contam setenta e tres mil habitantes

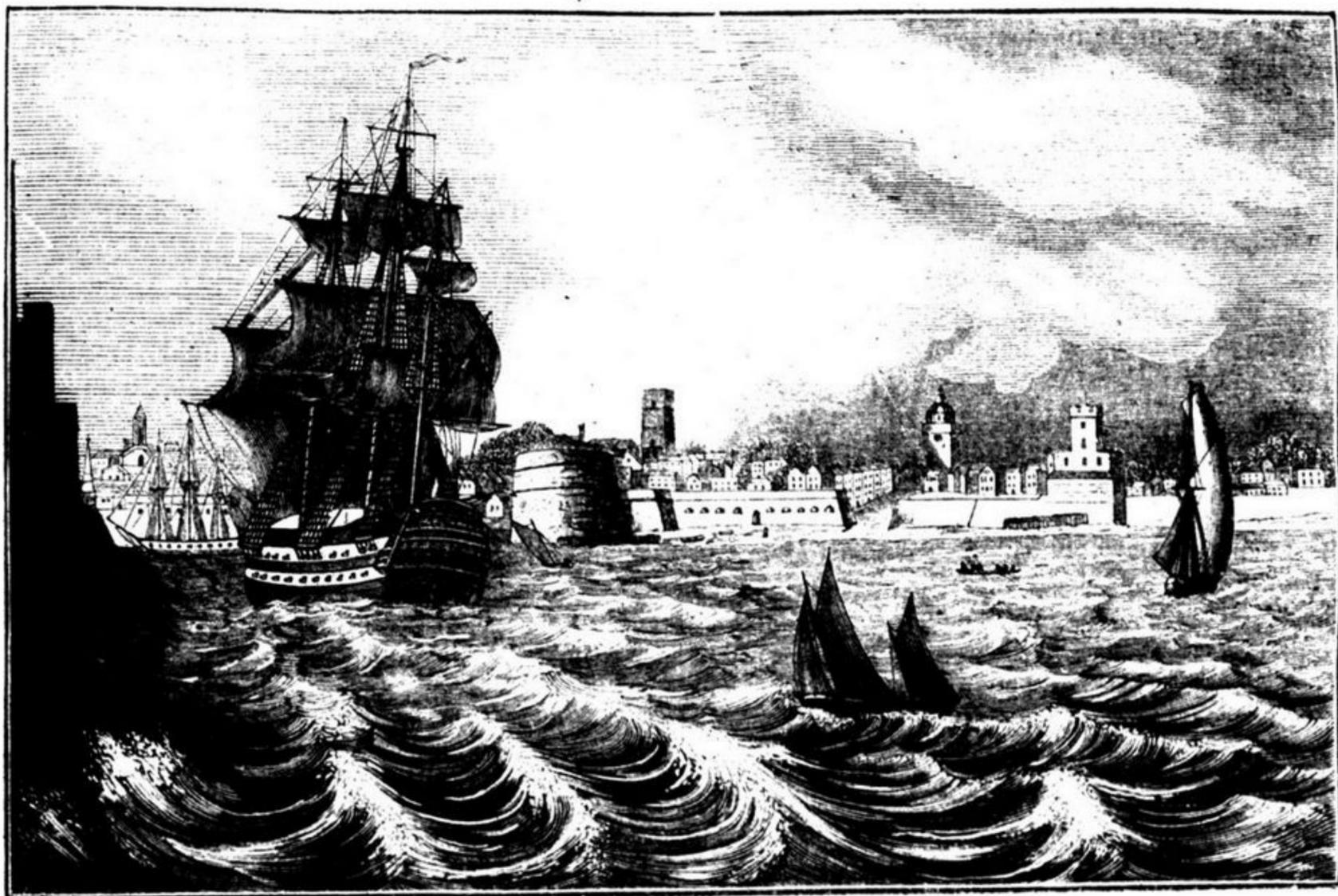
O seu porto é o mais vasto e o mais seguro de todos os portos orientaes da Grã-Bretanha; formidaveis fortificações lhe defendem a entrada, e tanto a ilha de Portsea como a cidade de Portsmouth estão por todos os lados rodeadas de magnificas obras de defeza. Comtudo ultimamente os baluartes da cidade foram em grande parte transformados em passeios.

Os estabelecimentos de mais importancia que alli existem são os estaleiros, o arsenal, a escola

(1) *Estudo pratico da lingua grega*, por M. Gustave d'Eichthal.

de marinha, e o celebre e vasto hospital que póde receber tres mil marinheiros. Ao sul de Portsmouth, na extremidade nordeste da ilha Wight, fica a magnifica enseada de Spithead, ponto de reunião habitual das esquadras inglezas.

Na celebre festa maritima, que ultimamente demonstrou as estreitas ligações politicas da França e da Inglaterra, festa em que se reuniram com grande apparato as esquadras dos dois paizes, foi Portsmouth o ponto escolhido pela Inglaterra para



Portsmouth.

receber os seus hospedes, como foi Cherbourg o ponto escolhido pela França para fazer honras iguaes aos Inglezes.

Realisa-se actualmente a hypothese que tanto assustava o nosso grande Bocage, quando o poeta exclamava:

Um triumpho no mar, outro na terra!  
Se as mãos se dèrem que será do mundo?

Os triumphadores deram-se as mãos, e o mundo não soffreu com isso grande abalo. Bocage, se resuscitasse, havia de ficar estranhamente surprehendido. Apesar da famigerada alliança, a Dinamarca é roubada escandalosamente nas barbas das esquadras de Cherbourg e de Portsmouth pela Prussia e pela Austria, e a Polonia continua a tentar erguer em vão o triplice peso que a esmaga. Quem tal diria!

## D. JORGE DE MASCARENHAS, GOVERNADOR DE MAZAGÃO

### II

Promettemos, no precedente capitulo, contar as façanhas maritimas d'este homem, que em terra sustentava com tanto denodo e brio a honra da bandeira portugueza. Vamos cumprir a promessa; parece que mais folgamos em ver estes relampa-

gos de heroismo no meio das trevas da nossa decadencia, do que mesmo em contemplarmos o esplendor da grande época da nossa historia.

Mas, apressemo-nos em dizel-o, feliz ou infeliz, a bravura dos nossos maiores nunca se desmentio. Erros de governantes, fatalidade, corrupção social motivaram a rapida degeneração da nossa patria, mas os seus filhos mostraram-se sempre dignos, mesmo na desventura, do nome glorioso que haviam sabido conquistar em épocas de mais prospera fortuna.

Digamos contudo que uma verdade para nós axiomática é a seguinte; «são os generaes que fazem os soldados»; o italiano, o portuguez, o hespanhol, o francez, o allemão, o inglez, o russo podem ter uma bravura differente; aqui mais entusiastica, além mais tranquilla, mas o brio militar não os deixa recuar diante das balas, quando tem chefe que saiba arrastal-os á peleja. Suppor o contrario seria entregar á força bruta os destinos das batalhas, quando pelo contrario é sempre a intelligencia que as decide. Quem havia de dizer que os francezes, esses vencedores do mundo inteiro no principio d'este seculo, eram os mesmos que haviam soffrido em Rosbach uma das mais vergonhosas derrotas de que ha memoria nos annaes militares? Quem havia de suppor

tambem que os prussianos, esses vencedores de Rosbach, haviam de ser os mesmos tão miseravelmente destroçados em Iena? É porque não foi o valor cego dos soldados quem ganhou as batalhas de Rosbach, e d'Iena, foi Frederico, foi Napoleão, foi o genio dirigindo as massas, foi a intelligencia guiando a força brutal.

Assim tambem os nossos soldados deram provas sempre de um valor incomparavel, mas na época da nossa grandeza tinham por generaes os membros d'essa pleiade brilhantissima que formou a côrte de D. Manoel, generaes que se chamavam D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, Duarte Pacheco, Vasco da Gama e quantos! No tempo da nossa decadencia as campanhas dos Paizes Baixos absorviam a flor dos nossos guerreiros, e só nos ficavam para defendermos as conquistas contra os aiaques dos Holandezes, e contra a sublevação dos povos conquistados, o refugio das nossas valentes legiões, refugio, que, ainda assim, desanimado e indeciso, sustentava, senão com a pratica da guerra e a experiencia militar, pelo menos com o denodo e a intrepidez tradicionaes, a honra do pendão das quinas.

Em 1619 regressou D. Jorge de Mascarenhas, já então conde de Castello Novo, do seu governo de Mazagão. Trazia consigo sua mulher e seus quatro filhos, sendo os dois mais novos ainda crianças. A esquadriha, que elle commandava, compunha-se apenas de tres navios. No dia 21 de outubro sobreveio uma forte ventania, que os dispersou, separando os dois navios, que navegavam de conversa, da capitania onde estava D. Jorge. Quiz a fatalidade que fosse exactamente n'essa occasião que appareceram de subito no horisonte tres velas barbarescas, que se dirigiram a todo o panno para o navio portuguez, assim que o viram isolado na liquida arena do oceano.

Seria talvez facil ao navio portuguez, tão proximo, como estava, das costas da peninsula hispânica, fazer força de vela, e demandar um dos portos da Andaluzia, Cadiz ou Gibraltar, aonde chegaria talvez a tempo de se pôr a abrigo dos insultos dos piratas. Mas D. Jorge, que não estava habituado em terra a virar as costas aos esquadrões bereberes, não queria no oceano tomar o mão costume de dar a popa aos navios dos infieis. Pensava que, na decadencia em que ia a sua patria, esses actos de louca temeridade serviam ao menos perante a historia para dar magestade suprema à queda d'este grande povo. A sua tripulação compunha-se apenas de cinquenta homens; eram tres as náos argelinas, uma tinha trinta e seis peças de artilheria e trezentos homens de peleja, outra vinte e seis peças e duzentos e cinquenta homens, a terceira em fim vinte peças e cento e sessenta homens. D. Jorge deu o signal da investida.

A excepção das tres velas barbarescas, estava ermo o vasto plaino do oceano. No horisonte não surgia o mais leve ponto alvejante, que annunciava-se uma das velas da esquadriha de D. Jorge. Talvez o valente portuguez esperasse que o troar do

canhão attrahisse os outros navios, que, apparecendo de subito, tornariam de certo a peleja menos desigual.

La-lhe saindo o calculo certo. Feliz no primeiro impeto, e arrojando-se ás duas naus argelinas que vinham na frente, como um volcão fluctuante, vomitando ferro e fogo por todas as baterias, conseguiu repellil-as com perdas graves, e obrigar-as a afastarem-se da proximidade do terrivel navio. Mas o terceiro vaso moiro, que era o mais poderoso, caio, com a sua tripulação fresca e intacta, sobre o navio portuguez bastante avariado e sobre a sua tripulação diminuida. O combate era extremamente desigual. Tres vezes entraram os moiros no navio de D. Jorge, trez vezes foram repellidos. Deram um quarto assalto os argelinos e foram, como era de esperar, mais venturosos. A extenuada tripulação portugueza, dirigida pelo valente conde, vio-se obrigada a refugiar-se na praça da artilheria, deixando os inimigos senhores dos castellos de proa e de popa. Mas não se imagine que pensaram em se render; o combate continuou cada vez mais encarniçado.

Animava-os n'isto uma esperanza, que viram frustrada com profundissima dor. Tinham surgido afinal no horisonte os navios portuguezes, mas, ou porque o vento lhes fosse contrario, ou por qualquer outro motivo desconhecido do historiadore, conservaram-se immoveis espectadores da peleja! Os Argelinos, vendo surgir este reforço inesperado, não se tinham atrevido a concentrar todas as suas forças no sitio onde se defendiam com intrepidez sobrenatural esses poucos leões das aguas. Mas, notando a estranha immobilidade dos recém-chegados, perderam o susto, e conservando em observação um dos dois navios, que D. Jorge primeiro repellira, chamaram o outro para domarem com a superioridade do numero essa tenacissima resistencia.

Já a este tempo estavam reduzidos á ultima extremidade os portuguezes da coberta, mas não recuavam um passo, animados sempre pelo exemplo do seu valente capitão. Esse é que parecia invulneravel; verdadeiro Achilles dir-se-hia que as balas o temiam ou que não passavam junto d'elle senão para prestarem homenagem ao seu nobre vulto. Já muitos projectis lhe tinham batido na armadura, quando uma bala de artilheria lhe levou a espada da mão, sem lhe fazer a mais leve offensa, mas deixando-o desarmado. Deu-lhe outra espada seu filho, D. Francisco de Mascarenhas, o qual no mesmo instante caio ferido gravemente, mas brandando: «Meu pai, morrâmos, sem nos rendermos.» Dir-se-hia que o mesmo espirito animava toda aquella valorosa familia.

Havia um poder magico que parecia proteger D. Jorge; pensarieis que eram incantadas as suas armas como as dos heroes dos romances de cavallaria. Postrado pela fadiga e pela dor de ver os seus dois filhos mais velhos, um ferido gravemente como dissemos, o outro, D. João de Mascarenhas, já morto, D. Jorge, inclinando a cabeça sobre o peito, deixou-se cair sentado n'um tambor. Vem outra bala

de artilheria, atravessa o tambor, de um ao outro lado, deixando ficar incolume o intrepido cavalleiro. Não tendo já artilheiros, dirige-se, acompanhado por um fidalgo chamado Manoel da Fonseca a uma peça que lhes restava e cujo fogo queria dirigir contra o inimigo. Caminham ambos lado a lado, uma bala parte ao meio Manoel da Fonseca, sem tocar em D. Jorge; a morte, como de costume, esquivava-se ao heroe que a procurava; mas, deixando ficar de pé o altivo roble, decepava-lhe as raizes que o prendiam ao solo, os filhos que elle estremecia.

Afinal D. Jorge vio que a resistencia era inutil e não pensou senão em procurar gloriosa morte, que o livrasse dos ferros de Alger. Voltou-se friamente para os poucos portuguezes que o ouviam consternados, e disse-lhes; «Preparemo-nos para morrer com gloria, mas antes preciso de degolar minha mulher e meus filhos.» Sublime ferocidade que lembra os grandes rasgos da primitiva Roma, ou a celebre resolução dos habitantes de Numançia!

Mas depois, voltando os olhos para a bandeira portugueza que ainda tremulava ufana ao vento do combate, salteiou-o um outro pensamento, e exclamou:

«Pois ha de cair nas mãos de infieis aquelle pendão sagrado? Não! deitemos fogo ao navio.

A ordem, dada com esta simplicidade, foi com não menos singeleza executada por Luiz de Lomba.

Eram perto de cinco horas da tarde, e pelejava-se desde as oito da manhã.

Estava-se fatigado de um e d'outro lado, e os moiros contemplavam com assombro o punhado de heróes, que por tanto tempo haviam ousado resistir-lhes. Era em outubro, como dissemos, e a noite vinha proxima. Não mandando logo deitar fogo ao paiol da polvora, o que abreviaria a catastrophe, e a tornaria terrivel para os argelinos accumulados nos castellos da proa e popa, o conde de Castello Novo abria uma ultima porta á ultima possibilidade de salvação. Os navios barbarescos arredar-se-hiam de certo; talvez podessem então os poucos portuguezes, que restavam, metter-se n'uma chalupa, e ir procurar os dois outros navios, que não tinham querido tomar parte no combate. A noite cobriria a retirada com o seu manto de trévas.

Aconteceu ao principio o que D. Jorge previra. Logo que os moiros viram as chammas lambar os mastros, e enroscar-se em torno d'elles como rubidas serpentes, recuaram em desordem e lançaram-se ao mar para fugirem á explosão.

D. Jorge contemplava sereno este espectáculo, mas alguns dos portuguezes, commovidos pela innocencia dos dois filhos infantis do seu general, D. Pedro e D. Simão, e, não podendo ver a sangue frio a morte horrorosa d'essas candidas victimas da guerra, e da exaltação pundonorosa do conde, que n'esse instante fazia calar a voz do amor paternal, tomaram nos braços os dois pequeninos, e chamaram os escaleres argelinos, que andavam salvando os seus, bradando-lhes que se rendiam. Vendo os seus filhos em poder dos moi-

ros, e ouvindo ao seu lado os prantos da afflicta mãe, D. Jorge sentio vergar o seu orgulho de guerreiro, vencido pelas angustias do pai. Chamou tambem os botes, e entregou-se com sua mulher, e com seu filho D. Francisco de Mascarenhas, que mal se podia arrastar.

D'ahi a pouco ia pelos ares o navio, avermelhando o ceo e o mar com os horridos clarões da explosão. Os navios barbarescos navegavam para Alger, levando a sua presa preciosa, da qual tiraram um valioso resgate.

Eis em rapido esboço a historia militar de um vulto que, na época dos nossos grandes infortunios, ainda se ergue como o representante de uma geração extincta, da geração de heróes, cujo valor fundára o immenso imperio Lusitano.

PINHEIRO CHAGAS.

## A TERRA

Que provas positivas existem de que é redonda, que gira sobre si e a roda do sol!

Conheci um certo numero de individuos de muito boa fé, excellentes pessoas, na verdade, que, todas as vezes que me encontravam, depois de me perguntarem pelo meu estado de saude, passavam immediatamente a dirigirem-me mil questões de astronomia; e ainda não haviam recebido as minhas respostas, já riam com a maior ingenuidade do mundo. A seus olhos os sabios eram visionarios, que julgavam saber, mas que, na realidade, não se avantajavam ao commum dos mortaes a ponto de acharem a solução do enigma da natureza. Conheci outros, um pouco mais instruidos que os precedentes, que estudavam durante o dia a lição que á noite haviam de dar no botequim a outros tão instruidos como elles, e que só passavam carta d'intelligente e erudito ao homem que se apresentava fallando com muita facilidade em tom bombastico e empolado, empregando um infinito numero de imagens colhidas aqui e alli em campos de diversos donos, que não citavam; conheci outros, digo, que, talvez para me desfructarem, considerando as differentes phases da historia das sciencias, os seus successos bons e maus, diziam que andavamos em um circulo vicioso, que não tinhamos o verdadeiro conhecimento das cousas e que os nossos systemas, por mais solidamente fundados que parecessem, nunca deviam ser recebidos senão a titulo d'hypotheses.

A questão cosmographica que nos toca mais de perto, a do isolamento e do movimento da terra no espaço, tem particularmente o privilegio de levantar as duvidas de que fallamos. Aos que as tem querido formular e que nem sempre tem tido em mãos provas irrefragaveis a fornecer, aqui lhes damos os pontos fundamentaes sobre os quaes se apoia este elemento do novo systema do mundo.

Dizemos primeiro que a terra é redonda, que tem a fórma de uma esphera achatada nos pólos. O primeiro factó que attesta isto é a convexidade da immensa extensão d'agua que cobre a maior parte do globo. A observação de um navio no mar basta para mostrar esta curvatura. Chegado á li-

nha azul que parece formar a separação do céu e das aguas, o navio que se afasta parece n'esse momento collocado no horisonte. Um pouco mais tarde, desaparece, não pela parte superior, mas pela inferior. O mar eleva-se a principio entre o convéz e o observador; depois vão-se escondendo as velas pouco a pouco; os topos dos mastros é a ultima cousa que deixa de se avistar. Um phenomeno semelhante gosa o observador collocado no navio: somem-se primeiro as costas baixas; os edificios, as terras elevadas e os pharóes são os objectos que mais se demoram sobre a linha de visibilidade. Este duplo facto demonstra evidentemente, a convexidade do mar. Se, pelo contrario, fosse uma superficie plana, só a distancia faria perder de vista o navio, e, n'este caso, desapareceria tudo ao mesmo tempo, tanto as velas superiores como as inferiores.

Resulta mais d'esta mesma ordem de observações que a curvatura do oceano é a mesma em todas as direcções: ora, esta propriedade só pertence á esphera.

A convexidade do mar estende-se em terra firme. Apesar das desigualdades do terreno, a superficie dos continentes não differe essencialmente da superficie dos mares, porque está conhecido que as mais elevadas cadeias de montanhas estão longe de produzir sobre a superficie geral da terra, protuberancias comparaveis ás rugosidades da casca de laranja. Ora, a superficie dos rios que cortam a terra firme em todo o sentido para se reunirem ao oceano é pouco superior ao nivel d'este, e pôde ser considerada como a superficie prolongada do mar em toda a extensão dos continentes. As medidas barometricas sobre a altura das montanhas tem, por outro lado, confirmado este facto. O solo dos continentes, pois, afasta-se pouco d'este nivel, e apresenta no seu todo uma convexidade inteiramente semelhante á das aguas. Em fim, tanto em terra firme como no mar, os objectos mais elevados são sempre os primeiros e os ultimos que o viajante avista.

As viagens de circumnavegação tem, por outra parte, dado uma prova palpavel da esphericidade da terra. O primeiro dos navegadores que commetteu a grande e arriscada empresa de dar a volta em roda do mundo, o nosso Fernão de Magalhães, que por ter recebido a recompensa que os governos d'esta terra em todos os tempos hão dado a quem por sua infelicidade bem os serve passara ao serviço de Hespanha, partio d'alli no anno de 1519, dirigindo-se sempre para o *occidente*. Sem mudar a sua direcção, um dos seus navios chegou á Europa tres annos depois, como se tivesse vindo do *Oriente*. As numerosas viagens de circumnavegação feitas desde essa época até aos nossos dias, tem superabundantemente confirmado esta verdade: A terra é redonda em todo o sentido.

Uma nova prova da convexidade da terra é fornecida pela mudança de aspecto que apresenta o céu durante as viagens. Quer nos dirijamos para o polo, quer nos aproximemos do equador, des-

cobrem-se incessantemente novos astros, assim como se perdem de vista os das latitudes de que nos afastamos. Este facto não pôde concordar senão com a redondeza da terra; se esta fosse plana, estariam sempre visiveis os mesmos astros.

A sombra projectada pela terra sobre a lua é sempre circular, seja qual fôr o lado que o disco terrestre apresente ao disco lunar nos diversos quartos e eclipses. Esta sombra arredondada, observada universalmente, é mais uma prova a favor da esphericidade da terra.

Taes são os factos vulgares que demonstram de uma maneira positiva a verdade a que temos avançado. Se quizessemos entrar na geodesia ou mecnica racional, apresentariamos considerações ainda mais rigorosas; mas as provas precedentes são bastantes para aqui. Vejamos agora sobre que sólido fundamento se apoia a questão de que a terra está isolada e se move no espaço.

A dificuldade que certos espiritos tem manifestado em acreditar que a terra está suspensa como um balão no espaço e completamente isolada de toda a especie de ponto de apoio, provém d'uma falsa noção das forças da natureza. A historia da astronomia antiga mostra-nos uma anciedade profunda entre os primeiros observadores, que começavam a conceber a realidade d'este isolamento, mas que não sabiam como impedir a queda d'este globo tão pesado sobre o qual andamos. Os primeiros chaldéos fizeram a terra oca e semelhante a um bote; podia fluctuar sobre o abysmo dos ares. Outros suppunham que se estendia indefinitamente abaixo dos nossos pés. Todos estes systemas eram concebidos sob a impressão d'uma falsa idea do peso. Para fugir a esta antiga illusão, é preciso saber que o peso é um phenomeno constituido pela attracção de um centro. Um corpo cae só quando a attracção de outro corpo mais importante o sollicita. As imagens de alto e de baixo não se podem applicar senão a um systema material determinado, no qual o centro attractivo será considerado como o *baixo*: fóra d'isto cousa alguma significam. Quando, pois, supomos o nosso globo isolado no espaço, não fazemos com isso cousa alguma que possa dar importancia á objecção que acima notamos; temer que a terra caia não se sabe onde.

A terra pôde, pois, estar isolada no espaço. E não só o pôde, que o está na realidade. Se se achasse apoiada sobre um corpo qualquer, este apoio, que necessariamente deveria ter enormissimas dimensões, seria visto certamente quando d'elle se approximassem. Ver-se-ia sahir da terra e perder-se no espaço. É escusado dizer que os viajantes que tem dado a volta em roda do globo nunca viram semelhante apoio: a superficie da terra está inteiramente desligada de tudo quanto possa existir á roda d'ella.

(Continua)

O rosto não é sempre o verdadeiro espelho do coração.

M. de TURENNE.